

MICROSCÓPIO

Diátese ditatorial

RAUL PILLA

SE O COMUNISMO não existisse, seria preciso inventá-lo. Não quero dizer, com isto, que ele seja apenas um espantalho, ou um pretexto. Não. Incarnado, como está, no antigo império moscovita, representa, realmente, uma ameaça para a civilização. Mas é muito menor ameaça à paz internacional, que à paz interna das nações. E ameaça que se explora e se faz render, para, enfim, chegar quase ao mesmo objetivo dos comunistas: a supressão da liberdade.

No Panamá, o presidente da República, Arnulfo Arias, tal como Getúlio Vargas em 1937, desfechou um golpe de Estado, restabelecendo a ditadura, com a alegação de preservar o país contra o comunismo. Simples pretexto, evidentemente. Estamos aqui ante mais uma manifestação da velha diátese latino-americana: a ditadura. Antigamente, invocava-se a necessidade de salvar a República contra os seus inimigos (eram estes, geralmente os liberais); agora, é o perigo comunista quem fornece a justificação. No fundo, o mesmo fenómeno, a mesma tendência caudilhesca, que tem profundas raízes sociais, mas no presidencialismo encontrou a fórmula política mais adequada. Em vez de corrigir a tendência nefasta, educando o povo no exercício da democracia, o presidencialismo o que tem feito é perpetuá-la. Por isto, poderão variar os pretextos, aqui o imperialismo estrangeiro, acolá o comunismo, mas sempre a mesma causa profunda, a mesma diátese política:

Compare o leitor a Europa parlamentarista com a América presidencialista, a Europa assolada por várias guerras, com poderosos partidos comunistas e diretamente ameaçada pela Rússia, com a América que tem o oceano de permeio e onde quase ridículo é o Partido Comunista: lá a democracia tolera perfeitamente o tumor e o contém; aqui, dir-se-ia não ter defesa contra ele. Por que? Simplesmente por não haver aqui verdadeira e completa democracia.